

PÚBLICO  
AZUL  
[LIVROS](#)

### O clima bate à porta da literatura portuguesa

A crise climática está a despertar a atenção de autores portugueses. Mas até que ponto a literatura que problematiza ou espelha questões ambientais pode produzir mudanças comportamentais?

[Andréia Azevedo Soares](#) (texto) e  
[Gabriela Gómez](#) (ilustração)

14 de Julho de 2023



A literatura portuguesa está a começar a olhar para a crise climática, contando com exemplos tanto no romance como na poesia GABRIELA GÓMEZ

Territórios inóspitos, assolados por inundações repentinas, secas intermináveis e temperaturas desumanas. Há algumas décadas que autores anglófonos imaginam mundos assim, em que a crise climática tem um papel central na narrativa. Em Portugal, esta preocupação literária ainda parece ser modesta, mas já conta com representantes tanto no romance como na poesia. Pode a literatura “salvar” a humanidade de uma catástrofe ambiental?

“Acredito que a literatura pode ser pedagógica, mas mais por consequência do que por premissa. Eu vou para um texto com perguntas, não com intenções. E até pode ser que as respostas às minhas perguntas suscitem nas pessoas lógicas motivacionais diferentes. Se assim for, ótimo. Mas não me sento a escrever um conto para explicar às pessoas que a transição energética é urgente”, diz ao Ípsilon a escritora Joana Bértholo.

A autora publicou recentemente *Natureza Urbana* (Relógio D’Água), um conto que explora como a linguagem pode (ou deveria) encurtar a distância entre as espécies, reavaliando o intervalo entre os humanos e os demais seres vivos. Em cerca de 60 páginas, o livro retoma um conceito essencial para compreendermos o estado de

Há cerca de 15 anos, o escritor Rui Cardoso Martins vislumbrou Lisboa sendo, uma vez mais, assolada por inundações e tremores de terra. Em *Deixem Passar o Homem Invisível* (2009, Dom Quixote), editado agora pela Tinta-da-china, expõe os subterrâneos de uma cidade profundamente transformada pela mão humana. Ao mesmo tempo que revisita antigos fenómenos naturais extremos – as cheias de 1967 e o terramoto de 1755 –, imagina um futuro próximo pouco auspicioso.

“Eu nasci em 1967. Foi um ano muito trágico, com as grandes cheias, que foram abafadas. Foi um bocadinho por causa disso que escrevi o livro: as consequências políticas de não ligarem aos fenómenos atmosféricos e à intervenção humana na natureza. Lisboa existe porque é um delta, um terreno muito fértil, mas que foi sendo sucessivamente conquistado. E, desde que apareceu o betão, fomos tapando todas as saídas. Esta é um pouco a história da crise climática”, explica Rui Cardoso Martins ao Ípsilon, numa conversa telefónica.

Mais de uma década separa os romances de João Reis e Rui Cardoso Martins. Entre a publicação de um e outro, aparentemente não proliferaram em Portugal exemplos de ficção climática – ao contrário do que se [verifica](#) na literatura anglo-saxónica, que chama *cli-fi* (*climate fiction*) a esta categoria. Sendo Portugal um território assolado pela seca, debruçado sobre um mar que não pára de subir, por que razão dedicamos poucas páginas à mudança do [clima](#)?

---

Rui Cardoso Martins escreveu *Deixem Passar o Homem Invisível* inspirado pelo descaso político em relação às possíveis consequências de fenómenos atmosféricos  
NUNO FERREIRA SANTOS

“A literatura portuguesa continua completamente alheia à questão da crise climática. O que vejo é um constante recalcar da Guerra Colonial. Há uma série de temas que se repetem na nossa ficção”, nota João Reis.

Joana Bértholo também se questiona sobre esta escassez. “É uma pergunta muito viva para mim, porque a minha sensibilidade tende justamente para estes temas [ligados ao clima e à nossa relação com a natureza, da qual fazemos parte.] E sinto que, por isso, os meus livros tendem a ser posicionados entre a ficção científica e a distopia”, comenta a autora de [Ecologia](#) (2018, Caminho).

A escritora recorda que, “culturalmente, Portugal leva algumas décadas de atraso em relação ao que se passa lá fora”. É o caso do debate pós-colonial que, em países como Inglaterra ou França, efervesceu há algumas décadas.

“Isto não é uma crítica nem um julgamento, é uma fase pela qual temos de passar. Essa literatura é essencialíssima, ainda não temos uma relação com a nossa História que esteja perto de estar resolvida. O protagonismo que esta literatura está a ter reflecte as nossas necessidades culturais neste momento. Não tenho uma perspectiva sobre tudo o que está a ser escrito em Portugal, mas não só sei que é escasso o que se propõe a esse nível [do clima e da nossa relação com as demais espécies] como sei que a recepção àquilo que eu proponho é boa. *Ecologia* é um romance muito bem recebido e gerou conversas muito pertinentes”, afirma Joana Bértholo.

---

---

### Excerto de "Cadernos da Água", de João Reis

“Só temos direito a duas doses de água em cada refeição. Obrigam-nos a usar os copos de esmalte que nos deram na semana passada, já não aceitam outros recipientes, porque assim controlam o que bebemos. Enchem-nos até cima da primeira vez e até meio da segunda vez que nos servem. No total, bebemos litro e meio de água por dia. Agora talvez deixem de nos dar o pão do lanche. Veremos. Espero que continuem a dar-nos água.”

---

E o que é que esta resistência diz de nós, culturalmente? “Enquanto países do Norte estavam a fazer as grandes descobertas da física e da química, nós estávamos a queimar cientistas nas fogueiras, sob pretexto de que eram bruxos. Um país que mata investigadores dificilmente será um país a escrever ficção científica. Países onde a ciência estava a florescer são aqueles que ganham escritores que especulam sobre os limites da ciência – como ir à Lua, descer ao fundo do mar ou dar a volta ao mundo em 80 dias”, argumenta o docente da Universidade do Porto.

Ao mesmo tempo em que admite uma resistência da literatura em abraçar o Antropoceno, Pedro Eiras identifica, no campo da poesia, a emergência de uma preocupação com o fim do mundo. O Antropoceno é um termo criado pelo químico holandês [Paul Crutzen](#) (1933-2021), que descreve o período histórico do planeta em que a acção humana se tornou a força motriz da degradação ambiental.

Pedro Eiras observa, num [artigo](#) publicado em 2021 numa revista internacional, que existe “um tom apocalíptico adoptado recentemente na poesia portuguesa”. Trata-se de textos que “explicitamente” anunciam, descrevem, desejam e “receiam o fim do mundo”. Esta tendência emergiria de “um sobressalto, um medo, a consciência dolorosa de uma fragilidade”.

“O ser humano contemporâneo parece fazer-se contra o universo em torno, contra os ecossistemas de que ele próprio depende. [...] Mas a poesia portuguesa contemporânea parece cada vez mais sensível às alterações – profundas, radicais, irreversíveis? – que o próprio ser humano provoca no planeta. Dito de outro modo, a poesia torna-se testemunha do Antropoceno”, escreve Pedro Eiras no ensaio.

#### O Antropoceno na poesia

Entre os poemas portugueses que ilustram o colapso iminente está, por exemplo, *Fim*, de José Miguel Silva (in [Últimos Poemas](#), 2017). É um texto que questiona o mito de progresso infinito, baseado na perpétua produção de bens e resíduos. Há uma estrofe que diz assim: “a nossa casa natural apodrecia / como o ventre das abelhas quando passa / o glifosato da ganância liberal.”

Nos versos de José Miguel Silva, já não há remediação possível. Resta apenas constatação do descalabro. Margarida Vale de Gato, num poema do livro *Atirar para o Torto* (2021, Tinta da China), retoma o tom apocalíptico comunicando que esta “galáxia cedo será brasa / nossa terra faúlhas”. Ainda assim, há um desejo de escrita. Continua-se a escrever diante do precipício, ainda que este acto criativo possa ser, ele mesmo, parte da engrenagem destrutiva.

tornaria os poemas meros exercícios sem fundamento na experiência, e o poeta converter-se-ia em presa das modas do momento ou num propagandista – fazendo, além do mais, um mau serviço à causa”, afirma a autora de *Alegria para o Fim do Mundo*, numa resposta enviada por *email*.

A poetisa recorda que, nesta era pós-carbono em que vivemos, todos sabemos que vamos enfrentar fenómenos naturais e sociais “violentos” nos anos vindouros, situações de tensão, escassez ou vulnerabilidade directa ou indirectamente ligadas à crise climática. “Se esse conhecimento for suficientemente ‘disruptivo’ e criar alicerces na mundividência de quem escreve, naturalmente fará nascer no trabalho poético uma linguagem própria”, acredita Andreia C. Faria.

---

### **Excerto do poema “Filhas do Clima”, de Margarida Vale de Gato**

“A desobediência das filhas bravias implica / que nós não temos pulso e o tempo foge // dizem elas que cegas somos nós / dizemos que não medem as consequências // não por sermos harpias amedrontadas / ou nos acusarem de obsolescência ser tarde // porque nunca as defendemos dizem elas / que nos protegem por defeito”

---

### **Testar o poder da ecocrítica**

Desde meados dos anos 1990, a literatura que privilegia questões relacionadas com a crise climática começou a despontar no mercado editorial de língua inglesa. A tendência popularizou-se a partir de 2013, refere o investigador norte-americano [Matthew Schneider-Mayerson](#), docente no Colby College. Para o académico especializado em literatura ambiental, este interesse reside, pelo menos em parte, no facto de a mudança do clima ser algo que as pessoas já estão – literalmente – a sentir na pele.

Um em cada três adultos nos Estados Unidos afirma, por exemplo, ter sido directamente afectado por um fenómeno climático extremo. Furacões, tempestade de gelo, nevascas e vagas de frio estão entre as experiências relatadas por mais de mil participantes em 2022 à empresa de [sondagens Gallup](#).

A temperatura média da Terra continua a subir. Só na semana passada, foram registados [três recordes](#), com valores médios globais acima dos 17 graus Celsius. O mês de [Junho](#) foi o mais quente de sempre ao nível planetário, e o quinto mais quente em Portugal desde que há registos, de acordo com [dados](#) do Instituto Português do Mar e da Atmosfera. E o Verão, que agora atravessamos, já começou uma [onda de calor](#). Apesar de todos estes sinais claros, mais de 90% das promessas climáticas dos países “[não são credíveis](#)”. Resta aos que estão genuinamente preocupados o activismo e a sensibilização.

A ficção climática também tem sido impulsionada pela ideia de sensibilização. Em 2005, o jornalista e activista climático [Bill McKibben](#) escreveu um [famoso artigo](#) na plataforma *Grist* a defender que aquilo de que um planeta a arder mais precisa é arte. Livros, poemas, canções, óperas e peças de teatro sobre a crise climática.

desapareceram completamente”, explicou Schneider-Mayerson, numa videochamada a partir dos Estados Unidos.

Uma cascata de narrativas

O estudo publicado na revista científica *Environmental Humanities* centrava-se em contos, um género literário que tende a exigir menos investimento do leitor. E que talvez tenha um menor impacto a longo prazo do que a leitura de um romance, por exemplo, onde a psicologia das personagens pode ser mais desenvolvida. (Na perspectiva de Schneider-Mayerson, a literatura climática é uma categoria – e não um género – na qual a mudança do clima ocupa um papel relevante num texto literário, seja ele curto ou longo, ficção ou poesia.)

“Uma das limitações deste estudo é que está focado num único tipo de estímulo, quando, na verdade, os seres humanos são bombardeados todos os dias por uma miríade de estímulos – notícias, filmes, canções, *podcasts*, conversas, séries da Netflix. Nesse contexto, não me surpreende que a leitura de um conto tenha um impacto que não dura mais do que um mês”, argumenta Schneider-Mayerson, que está neste momento a desenhar novos estudos empíricos na área da ecocrítica.

Por outras palavras, não precisamos apenas de mais literatura climática. É necessário que a conversa sobre a crise climática se infiltre nos diferentes produtos culturais que consumimos todos os dias.

“Nós, investigadores, não estamos atrás de uma medida mágica que mude a atitude de todas as pessoas, não acreditamos numa narrativa que mude completamente a forma como as pessoas vêem a crise climática. O que nós precisamos é de uma cascata de narrativas, diversos estímulos sendo oferecidos com frequência, para que o efeito seja duradouro”, defende o investigador norte-americano.

Quanto mais presente a conversa climática estiver na esfera cultural, maior será o impacto, acredita Schneider-Mayerson. Esta desejável “cascata de narrativas” actuará em várias vertentes, propiciando espaços de comunicação de ciência, informação jornalística, pensamento crítico, questionamento da própria linguagem e até o tratamento de emoções que ainda não sabemos bem nomear.

---

### **Narrar para adiar o fim do mundo**

“Estou completamente convencido de que temos que mudar as nossas práticas ficcionais para lidar com o mundo em que estamos”, [afirmou](#) ao *The New York Times* o escritor Amitav Ghosh, autor de *Gun Island*. No livro de ensaio *The Great Derangement*, o autor, que já testemunhou um tornado e uma chuva de granizo em Nova Deli, onde estudou nos anos 1970, conta como teve dificuldade em narrar eventos improváveis na ficção sem que estes pareçam inverosímeis. A própria linguagem literária está a adaptar-se às alterações climáticas: as narrativas esforçam-se por ampliar as combinações possíveis para descrever, e pensar, o mundo diminuído em que viveremos.

---